

IV ENCONTRO DO GRUPO DE INVESTIGAÇÃO
PRÁTICAS E POLÍTICAS DA CULTURA

ARQUIVOS E COLECCÇÕES NA PRÁTICA ANTROPOLÓGICA

6 FEV 2020 | 10H > 18H



A209 COLÉGIO ALMADA NEGREIROS | NOVA FCSH

Comissão Organizadora CRIA: Filipe Reis e Joana Lucas (coordenação do GI),
Francisca Alves Cardoso, Joana Miguel Almeida, Tânia Madureira e Emiliano Dantas



PROGRAMA

10H00 | ABERTURA

10H30 > 13H00 | ARQUIVOS AUDIOVISUAIS

As imagens e sons do arquivo etnográfico de Margot Dias: como pensar a performance da sua devolução? | Catarina Alves Costa (CRIA/NOVA FCSH)

A representação na antropologia. Que documentos produz e como (amanhã) os podemos tratar | Pedro Félix (coord. da Equipa de Instalação do Arquivo Nacional do Som)

Pesquisando (n)o arquivo de imagens em movimento | Sofia Sampaio (CRIA-IUL)

Fotografia e arquivo: o jogo da memória e o Círculo Cultural | Emiliano Dantas (CRIA-IUL)

Moderação de Arlindo Horta (CRIA-IUL)

14H30 > 16H00 | COLECÇÕES OSTEOLÓGICAS

As coleções osteológicas humanas como património nacional (a salvaguarda em Arqueologia) | Cidália Duarte, Direção Regional de Cultura do Norte

Coleções Osteológicas da Universidade de Coimbra: os desafios que se colocam a um curador | Sofia N. Wasterlain (CIAS, DCV-UC)

As Coleções Osteológicas coloniais no MUHNAC: O caso da Silva Telle | Susana Garcia (ISCSP-U.Lisboa e MUHNAC-U.Lisboa).

Moderação de Frederico Delgado Rosa (CRIA/NOVA FCSH)

16H00 > 16H30 | PAUSA PARA CAFÉ

16H30 > 18H00 | ARQUIVOS COLONIAIS

A tradição americanista "à solta": arquivos e histórias da etnografia de salvação | Frederico Delgado Rosa (CRIA/NOVA FCSH)

O arquivo colonial cala para sempre? Reflexões a partir das coleções musicais Cokwe do espólio da Diamang (ex-Companhia de Diamantes de Angola) | Cristina Sá Valentim (CFE-UC, INET-md | UA)

Coleções fragmentadas e fragmentos de coleções: a fotografia, a etnografia e a sua disseminação | Inês Ponte (ICS-U.Lisboa)

Moderação de Jorge Freitas Branco (CRIA-IUL)

RESUMOS

1) ARQUIVOS AUDIOVISUAIS

As imagens e sons do arquivo etnográfico de Margot Dias: como pensar a performance da sua devolução? | Catarina Alves Costa (CRIA/NOVA FCSH)

Trata-se aqui de pensar o estatuto dos arquivos filmados em Moçambique nos anos 1958-1961 pelo casal Dias, quando utilizadas metodologias de elicitación que permitem repensar as ideias de tempo, uma certa condição histórica vinculada à tradição e ainda a subordinação a uma certa visão do mundo, fora da mudança. Através de imagens realizadas por mim em Maputo, que revelam o encontro dos Makonde com imagens e sons do seu passado, gostaria de discutir a ideia do presente etnográfico. Através de uma provocação e de uma performance cinematográfica, em que vemos em espelho os que olham as suas próprias imagens, tentarei perceber o lugar da historicidade nesta devolução das imagens e sons de arquivo aos próprios. Trata-se, de uma forma mais geral, de rever possíveis reconfigurações das memórias e das estéticas associadas ao trabalho etnográfico no período colonial.

A representação na antropologia. Que documentos produz e como (amanhã) os podemos tratar | Pedro Félix (coord. da Equipa de Instalação do Arquivo Nacional do Som)

A antropologia terá sido, eventualmente, o campo científico que mais contribuiu para o desenvolvimento da tecnologia de gravação de som. Este facto não constitui novidade, tendo sido já, até, objecto de alguma análise. Os documentos produzidos durante décadas eram vistos como instrumentais e transientes, a sua preservação nunca foi a maior das preocupações. Na minha breve apresentação queria levantar a questão do tratamento arquivístico de colecções documentais produzidas por antropólogos, como estas devem ser tratadas de modo a manter a sua coerência e assegurar o seu futuro. Proponho-me trazer para a discussão o projecto do Arquivo Nacional do Som e o projecto Heritamus como eventuais tentativas de responder a esta (e outras) questões.

Pesquisando (n)o arquivo de imagens em movimento | Sofia Sampaio (CRIA-IUL)

Fazendo uma breve referência à chamada ‘viragem arquivística’ (archival turn), sentida sobretudo no campo da arte, que veio reforçar o interesse pelos arquivos também nas ciências sociais, a comunicação começa por discutir o arquivo de imagens em movimento nas suas especificidades face aos outros arquivos. Falarei, então, sobre algumas das abordagens que têm inspirado a minha investigação, levando-me muito para além do conceito de arquivo como repositório: (1) o arquivo enquanto objecto (uma instituição historicamente situada; um dispositivo de ordenação e poder, etc.); (2) o arquivo enquanto actante na pesquisa – adjuvante (ou não) da mesma; (3) o arquivo enquanto um lugar de encontros, ausências e perplexidades; (4) o arquivo enquanto confluência de tempos e temporalidades; (5) o arquivo enquanto campo, em que as abordagens anteriores (e outras) se confrontam e complementam, constituindo o cerne daquilo que tenho vindo a chamar de ‘abordagem antropológica ao arquivo de imagens em movimento’. Terminarei com algumas observações sobre a entrada do digital neste tipo de arquivos e os desafios que vem colocar à investigação.

Fotografia e arquivo: o jogo da memória e o Círculo Cultural | Emiliano Dantas (CRIA-IUL)

Esse trabalho trata de parte da minha investigação de doutoramento que aborda a vida nas roças de São Tomé e Príncipe. Para desenvolver a pesquisa de campo no formato de narrativas visuais, a partir

de arquivos, foram articulados dois momentos: o jogo da memória e o círculo cultural. A primeira proposta consiste em trabalhar o arquivo no formato de um jogo como modo de deixar as pessoas envolvidas, criar uma relação de proximidade e assim, no término, cada participante elaborar uma narrativa visual com as fotografias/arquivos. No segundo momento, foi desenvolvido o círculo cultural, uma dinâmica inspirada no método de alfabetização com imagens para adultos de Paulo Freire, na qual foca-se a interpretação das fotografias a partir do repertório dos participantes. Em ambas atividades, o objetivo é que as pessoas possam olhar imagens, manipular imagens, pensar nos seus cotidianos, refletir sobre questões naturalizadas e, por fim, montar suas histórias com e por fotografias.

2) COLECÇÕES OSTEOLÓGICAS

As coleções osteológicas humanas como património nacional (a salvaguarda em Arqueologia) | Cidália Duarte (Direção Regional de Cultura do Norte)

As coleções osteológicas humanas provenientes de sítios arqueológicos são, por força da lei, considerados Património Nacional. A sua gestão é, no entanto, heterogénea e carece de parâmetros definidos e regras fundamentais para a sua preservação. Da mesma forma, nas instituições de depósito destes vestígios, é frequente não existirem os documentos que fazem parte da documentação sobre a sua proveniência, desde relatórios de escavação a listagem de identificação e espécimes. Nesta comunicação apresentam-se alguns dos problemas mais prementes da gestão e preservação dos vestígios humanos provenientes de sítios arqueológicos, do ponto de vista da tutela e, em concreto, das Direções Regionais de Cultura.

Coleções Osteológicas da Universidade de Coimbra: os desafios que se colocam a um curador | Sofia N. Wasterlain (CIAS, DCV-UC)

Na Universidade de Coimbra, existem atualmente várias importantes coleções osteológicas, identificadas e não identificadas, que nos oferecem simultaneamente oportunidades de investigação e importantes desafios. Nesta comunicação, apresentam-se algumas das principais coleções, abordam-se as razões que levaram os fundadores da Antropologia Física a colecionar crânios e esqueletos, e discutem-se alguns dos principais desafios que se colocam aos curadores destes importantes acervos documentativos da nossa história.

As Coleções Osteológicas coloniais no MUHNAC: O caso da Silva Telle | Susana Garcia (ISCSP – U.Lisboa; MUHNAC-U.Lisboa)

Desde 1907 que o atual MUHNAC possui no seu acervo várias coleções osteológicas, incluindo a coleção Luís Lopes constituída por cerca de 1700 esqueletos completos. Em 2007 é depositada no MUHNAC, pela Sociedade de Geografia, a coleção colonial Silva Telles e, em 2015, devido à integração das coleções do IICT na Universidade de Lisboa, o MUHNAC recebe a Coleção Colonial de restos humanos da Missão Antropológica de Moçambique. Os objetivos desta apresentação são apresentar as coleções coloniais do MUHNAC e propor uma reflexão conjunta sobre os seus desafios de curadoria, conservação e éticos.

3) ARQUIVOS COLONIAIS

A tradição americanista “à solta”: arquivos e histórias da etnografia de salvação | Frederico Delgado Rosa (CRIA/NOVA FCSH)

Em 1969, o célebre manifesto de Vine Deloria, Jr., *Custer Died for Your Sins*, antecipava a noção de Johannes Fabian de uma praxis que, ao reverter para a resolução dos reais problemas das comunidades, poderia redimir a antropologia da sua obsessão por um passado pré-colonial

idealizado. A presente comunicação procede a uma leitura comparativa de recentes pesquisas em arquivo no domínio da historiografia da antropologia, reveladoras da existência de convergências significativas, no período clássico da disciplina e em particular na viragem do século XX, entre os projetos e mundivisão dos etnógrafos de salvação e dos seus informantes/colaboradores, bem como do facto de o universo da escrita e da publicação fazer parte dos referenciais indígenas desde o século XIX, em múltiplos contextos norte-americanos e outros. Com especial enfoque no trabalho simultaneamente historiográfico e etnográfico dos representantes atuais da tradição americanista, é igualmente chamada a atenção para a relação positiva de diversas comunidades indígenas atuais relativamente aos arquivos etnográficos de salvação, obrigando a repensar, do ponto de vista ético, certas premissas da teoria social contemporânea e do paradigma da invenção da tradição.

O arquivo colonial cala para sempre? Reflexões a partir das coleções musicais Cokwe do espólio da Diamang (ex-Companhia de Diamantes de Angola) | Cristina Sá Valentim (CFE-UC; INET-md | UA)

Qualquer arquivo constitui uma forma específica e intencional de representação do mundo. Em particular, os arquivos coloniais fazem parte do que Valentin Mudimbe designa de Biblioteca Colonial, um conhecimento fundado, à época, num determinismo epistemológico que via o Outro como um agente passivo sobre o qual se escrevia e a quem se impunha uma condição de subalternidade e um lugar de silêncio. Concebendo os arquivos como uma prática política, criativa e performativa, como um espaço discursivo e de diferenciação formado em relações desiguais de poder, é preciso fazer perguntas. Será possível e pertinente pesquisar para além das narrativas hegemónicas e das representações coloniais desse Outro? Como investigar as várias vozes que produziram o arquivo? Que memórias e histórias subalternas, estratégias de resistência(s) e apropriações, sujeitos e saberes subalternizados lá habitam?

Partindo da minha experiência de investigação das coleções musicais Cokwe do espólio da Diamang (ex-Companhia de Diamantes de Angola), produzidas no âmbito da Missão de Recolha de Folclore Colonial ocorrida no leste e nordeste angolanos (décadas 1950-1960), e tendo em conta perspetivas críticas pós-coloniais da antropologia e da história, nesta apresentação partilho algumas dificuldades e vicissitudes que caracterizaram e deram sentido ao processo da pesquisa. Igualmente, pretendo refletir sobre possíveis caminhos de investigação etnográfica e antropológica que permitam sinalizar vozes subalternizadas e silenciadas de sujeitos que foram objeto de estudo e de coleta colonial, questionando os limites das responsabilidades dos antropólogos quando pesquisam em arquivos coloniais, num contexto em que perduram os legados do colonialismo em muitas práticas de conservação e exibição museológica.

Colecções fragmentadas e fragmentos de colecções: a fotografia, a etnografia e a sua disseminação | Inês Ponte (ICS-U.Lisboa)

Nesta apresentação exploro duas “colecções” de fotografia, construídas com a intenção de mapear a produção fotográfica de dois etnógrafos centrada nas populações rurais do Sul de Angola, cobrindo o período entre 1940 e 1974. Os artifícios metodológicos usados para a reconstituição dessas colecções passam ora por combinar pesquisa de arquivo e em bibliotecas várias ora por desconstruir a lógica de um arquivo de uso limitado. As aproximações diversas permitem problematizar o uso da fotografia por um etnógrafo-missionário num tempo longo (1940-1974) com o da produção fotográfica resultante de breves visitas de um etnógrafo-burocrata metropolitano (1965-1969). Sugerem a produção e a disseminação como noções diferenciadas do papel da fotografia para diferentes projectos etnográficos desenvolvidos no tempo colonial.